

6-2002

Editorial

Alfredo Teixeira

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Teixeira, A. (2002). Editorial. *Missão Espiritana*, 1 (1). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol1/iss1/3>

This Editorial is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

editorial

O primeiro fascículo da Revista *Missão Espiritana* procura responder aos desafios que decorrem da tensão criativa que sempre habita uma família religiosa: a inscrição numa tradição e a exigência de uma resposta inovadora face aos novos desafios. Como sublinha Álvaro Miranda Santos, não são dois pólos irreconciliáveis: “Encontramo-nos claramente perante manifestas demonstrações de inovação, por renovação e, mesmo, por originalidade. Encontram-se não menos manifestas demonstrações de fidelidade, renovadora e criativa”.

Habitar uma tradição é ter uma casa, é continuar a semear em solo arável, é a (re)descoberta do lugar de fundação que permite a cultura. No caso de um instituto religioso, é reler a memória para continuar a descobrir o seu lugar na diversidade eclesial. Boa parte dos textos que organizam este primeiro fascículo da Revista *Missão Espiritana* dão corpo a essa necessidade permanente de uma reativação das origens e a esse desejo de narrar os nomes e os modos que o impulso originante tomou no curso das gerações. Assim, o leitor poderá encontrar uma abordagem dos acontecimentos que constituem um primeiro grande capítulo da história da família spiritana, desde a fundação da Congregação do Espírito Santo por Poullart des Places em 1703, até à ordenação de Libermann no dia 18 de Setembro de 1841 (Amadeu Gonçalves Martins). Ao lado destes fundadores da família spiritana está Eugénie Caps, que a Irmã Josefa Maria Fernandes evoca aqui no contexto dos acontecimentos que conduziram à fundação das Irmãs Missionárias do Espírito Santo em 1921.

Sendo uma família religiosa marcada por um carisma missionário, era muito importante que esta leitura das origens fosse acompanhada pela descoberta das principais chaves de leitura histórica da missão spiritana, aqui numa síntese eficaz de Adélio Torres Neiva. Essa síntese permite-nos identificar as diversas formas de expressão histórica da missão spiritana, mas também as teologias que lhe deram substracto. Nesse trajecto será talvez possível discernir alguns dos traços da singularidade da acção e da espiritualidade spiritanas. Esta espiritualidade não é apenas a bandeira de um grupo, ela está aberta a olhares diversos que nela podem descobrir o rasto do Evangelho, perante novos desafios sociais, como bem mostra António Joaquim Galvão no seu artigo sobre espiritualidade e Educação.

É necessário, no entanto, não perder de vista que esse regresso ao país interior pode enfrentar o risco de uma clausura em que a reflexão sobre as origens e a recitação da memória se transformam em ídolo do grupo, totem que vigia as

fronteiras da instituição. Frequentemente a memória cristaliza-se num relicário, a instituição esgota-se celebrando os vestígios passados, os rastros de heroicidade, perseguindo um património que lhe dá uma ilusão de autenticidade e perenidade. A herança de uma família religiosa pode tornar-se um altar de celebração de si própria. Esse é um risco para todos os grupos que investem numa tradição na demanda da sua identidade. Parece claro, no entanto que o evangelho cristão recusa essa redução da história frente à lei do grupo. Dir-se-ia que a Igreja é chamada constantemente a sair de si para encontrar “Aquele que vem” — como um ladrão, quando não se espera. Talvez seja o apelo missionário aquele que pode traduzir melhor este movimento do cristianismo para fora de si, recusando ser o baldaquino sagrado desta ou daquela cultura, mas abrindo-se à aventura das viagens pelos lugares, as linguagens, as culturas onde Deus fala uma língua que ainda não foi por nós totalmente descodificada.

Era por isso essencial que este primeiro fascículo desta revista, em tempo de jubileu spiritano, não se reduzisse à reflexão empenhada sobre a memória da fundação. É que essa memória está escrita na história da fé de muitas comunidades que procuram acolher “Aquele que vem”. Esse desafio está presente no texto de Michel Gerlier acerca da evangelização dos Manjacos de Bajob, na Guiné, experiência que está bem próxima dessa prioridade que é apontada pela Regra de Vida Espiritana: “Dirigimo-nos de preferência àqueles que ainda não ouviram a mensagem do Evangelho ou mal a ouviram”. Será interessante que o leitor estabeleça pontes entre essa narrativa de “primeira evangelização” e a breve resenha da histórica dos 100 anos de presença spiritana em Tefé, no Brasil (António Gruyters), e ainda a narrativa do empenho que, em 1997, mobilizou essas comunidades do Amazonas para a festa (Domingos Rocha). Oportunamente, juntou-se a estes textos acerca de uma experiência centenária de evangelização, as palavras de um jovem spiritano que realizou o seu estágio na Prelazia de Tefé.

Não esqueceu, este número inaugural da Revista *Missão Espiritana*, a memória daqueles spiritanos que juntaram ao seu empenho missionário a paixão pelo conhecimento. Entre essas figuras está Carlos Estermann, missionário e etnólogo, de origem alsaciana, bem conhecido de todos os africanistas, cujos trabalhos se tornaram uma referência inescapável no terreno da etnologia do Sul de Angola. O texto do P. Valente é um precioso subsídio para a compreensão histórica da importância do trabalho desse eminente spiritano.

Alfredo Teixeira
Professor e Investigador no Centro de Estudos em Ciência das Religiões
Universidade Lusófona